



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA A SENSIBILIZAÇÃO ENTRE OS PRODUTORES
ORGÂNICOS DA ZONA SUL DO RIO GRANDE DO SUL (RS)

Daniel de Souza Pereira¹

RESUMO

A manutenção dos recursos naturais é um aspecto fundamental para a sustentabilidade dos ecossistemas, tornando necessária uma avaliação criteriosa do espectro da cadeia produtiva local buscando soluções capazes de atender as demandas ambientais, econômicas e sociais. O estudo foi realizado através de acompanhamento de produtores orgânicos, nos pontos de comercialização (feiras-verdes), no município de Pelotas, com aplicação de questionários. Foram entrevistados 19 produtores, divididos nos seguintes municípios: Canguçu, Pelotas, Morro Redondo, Arroio do Padre e Turucu. Entre os dados obtidos, a melhoria da qualidade de vida e a preocupação com a saúde perfazem 68% das indicações da escolha do sistema de cultivo orgânico. No Programa Nacional de Educação Ambiental (PNEA), a Lei N°9. 795/99, no capítulo II, sobre a EA não-formal, diz que o Poder Público em todas as esferas, incentivará “a sensibilização ambiental dos agricultores”. O estudo objetiva que a EA possa ser um instrumento de sensibilização. A EA deve ser vista como um processo de permanente aprendizagem que valoriza as diversas formas de conhecimento e forma cidadãos com consciência local e planetária (JACOBI, 2003). Mais do que resolver conflitos ou preservar a natureza através de intervenções pontuais, esta EA entende que a transformação das relações dos grupos humanos com o meio ambiente está inserida dentro do contexto da transformação da sociedade.

Palavra-chave: *sensibilização, sustentabilidade, agricultores, educação ambiental.*

ABSTRACT

Natural resources conservation is a major aspect to assure ecosystems sustainability, a thorough evaluation of the local productive chain spectrum searching for solutions that can enable supply environmental and socioeconomic demands. The study was carried out by interviewing organic farmers at the green markets, administering questionnaires. A total of 19 farmers from the cities Canguçu, Pelotas, Morro Redondo, Arroio do Padre and Turucu were included. Among the reasons for choosing the organic methodology, 68% indicate life quality improvement and health concerns. The Environmental Education National Program (PNEA) states about non-formal Environmental Education (Law n° 9.795/99, chapter II) that the Public Sector must encourage a "environmental responsiveness among farmers". The study aims to evaluate environmental education (EE) as a tool to achieve that responsiveness. EE must be recognized as a permanent learning process that values several knowledge aspects and brings a local and global awareness to citizens (JACOBI, 2003). More than solving conflicts or preserving nature through isolated actions, the EE understands that the transformation of human relationships with the environment is within a society transformation process.

Key-words: *responsiveness, sustainability, farmers, environmental education.*

¹ Bacharel em Química Ambiental e Licenciado em Química. e-mail: souzapel@yahoo.com.br



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA A SENSIBILIZAÇÃO ENTRE OS PRODUTORES
ORGÂNICOS DA ZONA SUL DO RIO GRANDE DO SUL (RS)**

Introdução

Para compreendermos como se estabelece a agricultura como um todo é necessário uma análise, começando por sua origem e evolução. Ao longo de milhares de anos, vários povos têm realizado uma agricultura baseada no manejo de materiais disponíveis nas propriedades rurais. Entre os materiais, recebem destaque os de origem orgânica (esterco, restos de cultura, composto, etc.) que melhoram a qualidade do solo e aumentam a produtividade vegetal.

No final do século XIX, este modo de agricultura foi transformado, devido a descobertas científicas que abriram caminho para a utilização de fertilizantes minerais. Com o decorrer do tempo foi comprovado o aumento da produtividade devido a estes produtos, tornando as práticas de adubação orgânica superadas, com isto criou-se um novo modelo de agricultura, extremamente dependente de insumos externos a propriedade (ESPÍNDOLA et al., 1997).

A evolução da exploração agrícola (que era uma alternativa de subsistência), com o passar do tempo, transformou-se em rentável atividade com relevância social e comercial.

A partir da década de 1940, teve início à denominada “Revolução Verde”, que objetivava o aumento da produção e da produtividade agrícola, utilizando-se de experimentos genéticos, para a criação e multiplicação de sementes que se adaptassem a diferentes solos, climas e principalmente fossem resistentes às doenças e pragas (BRUM, 1988).

No início da década de 1970, começam a surgir problemas sérios decorrentes da “Revolução Verde”, entre os quais a degradação da capacidade produtiva do solo, associados à proliferação de pragas e doenças.

Práticas agrícolas menos agressivas ao ambiente vêm sendo almejadas, testadas e adotadas, especialmente na Europa, para atender à emergente demanda por alimentos “limpos” e “saudáveis”, ou seja, livre de agrotóxicos. Temos o ponto de partida para a produção de alimentos em harmonia com o homem e o meio ambiente (BRUM, 1988).

A agricultura orgânica está baseada na conservação dos recursos naturais e não utiliza fertilizantes sintéticos de alta solubilidade, agrotóxicos, antibióticos ou hormônios (ALMEIDA et al., 2000).



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA A SENSIBILIZAÇÃO ENTRE OS PRODUTORES
ORGÂNICOS DA ZONA SUL DO RIO GRANDE DO SUL (RS)**

O Brasil correspondia com 0,63% do número de hectares conduzidos organicamente no mundo em 2000, e cresceu para 3,03% em 2004. É importante salientar que a participação brasileira é muito reduzida na agricultura mundial, mas está crescendo rapidamente nos últimos anos (DULLEY, 2005).

Através dos dados apresentados e, com base no (PNEA) Lei nº 9.795/99 que, quando se refere à EA não-formal, diz que o Poder Público incentivará a sensibilização ambiental dos agricultores, será apresentada uma abordagem teórica de possível ação educativa no contexto destes agricultores orgânicos da região sul do Rio Grande do Sul.

1. Um diagnóstico numa comunidade de agricultores

A pesquisa foi realizada através de acompanhamento nos pontos de comercialização (feiras-verdes) de produtos de agricultura orgânica, na região sul do Rio Grande do Sul, no período de agosto e setembro de 2006, com aplicação de questionários semi-abertos, e com múltiplas opções de respostas, aos produtores de alimentos orgânicos, cuja adesão foi voluntária. As questões versavam sobre que tipo de adubo utiliza, porque buscam a produção orgânica, se é cooperativado, recebem orientação e apoio de grupos, ONGs, sobre a faixa etária do produtor.

Os dados foram organizados e tabulados com auxílio do programa de computador Epi Info 6 (DEAN et al., 1994) e as análises foram realizadas no mesmo programa.

Os principais resultados encontrados apontam que a melhoria da qualidade de vida e a preocupação com a saúde perfazem 68% das indicações da escolha do sistema de cultivo orgânico fato também verificado por STORCH e colaboradores (2004), pelo não uso de agrotóxicos (44%) relacionados às indicações obtidas para a preservação da saúde 63% pertencem a cooperativas, enquanto 37% participam de associações que funcionam de maneira organizada, mas não como cooperativas, temos uma situação privilegiada, estes números mostram que o cooperativismo é um instrumento indispensável para a região e deve ser fortalecido com políticas públicas claras e diretas, pois podem ser um fator gerador de renda aos produtores e possa assim desenvolver a região.

Observa-se a importância dada à manutenção da fertilidade do solo através de matéria orgânica. O uso de esterco bovino, suíno e aves na compostagem é uma prática comum entre 68% dos produtores entrevistados.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA A SENSIBILIZAÇÃO ENTRE OS PRODUTORES
ORGÂNICOS DA ZONA SUL DO RIO GRANDE DO SUL (RS)**

Em relação à área da propriedade destinada ao cultivo orgânico 63,2% ocupa de 1 ha a 10 ha, e a média da área cultivada organicamente entre todos os produtores entrevistados é de 9,5 ha.

Outro resultado levantado nas entrevistas com os produtores que 100% destes, contam com apoio de organizações, como: CAPA (Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor), ARPA-SUL (Associação de Produtores Agroecológicos da Região Sul do Estado do Rio Grande do Sul), EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), COOPERATIVA SUL ECOLÓGICA, PASTORAL RURAL.

Outro dado apurado foi que os produtores afirmam que não há maior interesse nos produtos orgânicos por parte da sociedade, 58% por desinformação e preço, portanto torna-se necessário que as organizações que apóiam os agricultores, as cooperativas e principalmente os governos em todas as esferas, em especial os governos municipais, através das suas secretarias de agricultura e desenvolvimento econômico, articulem-se para que esta alternativa possa atingir uma parcela maior da população nos municípios.

A comercialização dos produtos em sua maioria 50% é feita diretamente ao consumidor em feiras-verdes e direto com as cooperativas.

Também pode-se concluir que através das entrevistas, que é nicho a ser explorado, visto que no Brasil em 2004, somente 0,23% da área agricultável era de agricultura orgânica (DULLEY, 2005).

2. Por um mundo sustentável

O tema sustentabilidade tem origem na economia (desenvolvimento sustentável) e na ecologia, para inserir-se definitivamente no campo da educação.

A sustentabilidade dos ecossistemas, neste caso específico, as propriedades rurais de manejo orgânico, num primeiro momento observa-se que não se dá de forma consciente pelo produtor. Na realidade a adoção do sistema de cultivo acontece na sua maioria pelas questões relacionadas à saúde, ou seja, as questões ambientais são atendidas, mas de forma indireta.

Segundo GADOTTI (1995), para termos um projeto de intervenção é necessário que a práxis tenha uma ação transformadora. Essa pedagogia da práxis pretende ser uma pedagogia para a educação transformadora, ela radica numa antropologia que considera o homem um ser incompleto,



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA A SENSIBILIZAÇÃO ENTRE OS PRODUTORES
ORGÂNICOS DA ZONA SUL DO RIO GRANDE DO SUL (RS)**

inconcluso e inacabado e, por isso, um ser criador, sujeito da história, que se transforma na medida mesma em que transforma o mundo.

Na Rio-92 surgiram às primeiras reflexões sobre a ecopedagogia. A ecopedagogia não quer oferecer apenas uma nova visão da realidade. Ela pretende reeducar o olhar, e isto significa desenvolver a atitude de perceber e não ficar indiferente diante das agressões ao meio ambiente, criar hábitos alimentares novos, evitar o desperdício, a poluição da água e do ar etc. e intervir no sentido de reeducar o habitante do planeta.

Existe uma concepção capitalista de desenvolvimento sustentável e que é sustentada por uma parcela do movimento ecológico. Ela pode se constituir numa armadilha para a ecopedagogia. Por isso não pode inspirar-se apenas numa concepção de desenvolvimento. O desenvolvimento sustentável só pode, de fato, enfrentar a deterioração da vida no planeta na medida em que está associado a um projeto mais amplo, que possibilite o advento de uma sociedade justa e incluyente, o oposto do projeto neoliberal e neoconservador. Portanto, com o apoio forte dos trabalhadores da cidade e do campo, dos movimentos sociais e populares, podemos construir um novo modelo de desenvolvimento e de educação verdadeiramente sustentáveis.

Segundo Ferreira (2003), o que se pretende, enfim, é encontrar os mecanismos de interação nas sociedades humanas que ocorram numa relação harmoniosa com a natureza. A preocupação central reside na maneira como a sociedade complexa deve se relacionar diretamente com o ambiente, ou seja, estabelecem-se vínculos explícitos na interação sociedade natureza.

Uma sociedade sustentável é aquela que mantém o estoque de capital natural o compensa pelo desenvolvimento do capital tecnológico, permitindo assim o desenvolvimento das gerações futuras. Numa sociedade sustentável o progresso é medido pela qualidade de vida (saúde, educação, ambiente limpo, espírito comunitário) ao invés de puro consumo material.

3. Intervenção educacional para a sensibilização

É preciso, como intervenção educacional a construção de um ambiente educativo de conscientização, que vá da denúncia à compreensão-construção de uma realidade socioambiental em sua complexidade. Conscientização como sendo um processo do indivíduo, mas na relação com o



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA A SENSIBILIZAÇÃO ENTRE OS PRODUTORES
ORGÂNICOS DA ZONA SUL DO RIO GRANDE DO SUL (RS)**

outro, em que o que está interiorizado pela razão e emoção, na consciência, se exterioriza pela ação refletindo essa interioridade. É a consciência-ação – conscientização.

A transdisciplinariedade é uma das possibilidades de construir respostas para a solução da crise de fragmentação tanto do ser humano, em seus aspectos racionais, afetivos, subjetivos, como do conhecimento, o que compromete a compreensão dos processos de produção de conhecimento sobre a realidade.

Considerando que em qualquer situação de aprendizagem há, ainda que não explicitado, um confronto entre saberes, vamos então considerar a abordagem transdisciplinar na educação como sendo a criação de espaços de diálogo entre saberes, que trabalhem a partilha, a ressignificação e a produção de novos saberes, em cada tempo e contexto. É preciso criar oportunidades que levem à compreensão de que, dentre os sistemas de compreensão humana, vamos identificar os sistemas filosóficos e científicos, credenciados pelo Ocidente Moderno, e outros sistemas, ditos tradicionais (que reúnem os conhecimentos provindos da experiência, do senso comum, das crenças) e que são localmente credenciados, como os sistemas religiosos, místicos, artísticos (BRANDÃO, 2002).

A Educação Ambiental propõe o diálogo criativo entre os diferentes campos do saber humano. A pesquisa-ação é uma pesquisa social de base empírica, concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou resolução de um problema coletivo, no qual pesquisadores e participantes estão envolvidos de modo cooperativo e participativo, como sujeitos sociais e históricos, condição para a prática da transdisciplinaridade.

Uma forma de construirmos esse ambiente educativo de conscientização, causador de rupturas na ordem estabelecida, é promovendo a reflexão crítica que se dá pela práxis segundo o sentido Freireano, “que implica a ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (FREIRE, 1992). Nesta perspectiva de compreender o real, o indivíduo se transforma transformando a sociedade e, reciprocamente, na sociedade em transformação, o indivíduo se transforma, isso supera a idéia de que a sociedade é o resultado da soma de seus indivíduos, em que para transformá-la temos que primeiro transformar os indivíduos.

É nesse contexto que a noção de pertencimento aparece nas discussões sobre a relação entre ética e sustentabilidade, referindo-se a uma possibilidade de transformação de comportamentos,



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA A SENSIBILIZAÇÃO ENTRE OS PRODUTORES
ORGÂNICOS DA ZONA SUL DO RIO GRANDE DO SUL (RS)**

atitudes e valores para a transformação de pessoas e relações capazes de protagonizar um novo paradigma (JARA, 2001).

No sentido de pertencimento social, desde o início do século passado Tönnies e Weber teorizam sobre o fundamento da comunidade em laços pessoais de reconhecimento mútuo e no sentimento de adesão a princípios e visões de mundo comuns, que fazem com que as pessoas se sintam participantes de um espaço-tempo comum.

No cenário da globalização, o biorregionalismo é uma tentativa, entre tantas outras possibilidades, de construir identidades fora dos centros hegemônicos, na relevância da lutas políticas em locais e territórios singulares. A Educação Ambiental inscrita no biorregionalismo reforça que a experiência social é variada e múltipla, e para além do veredicto das ciências, do controle econômico ou da exclusão social, pretende buscar alternativas que possibilitem o não desperdício das vivências locais (SATO, 1998).

Na ebulição do século XXI, o que prevalece não é a ingenuidade da intocabilidade de santuários, mas a constatação de que as disparidades aumentam cada vez mais, pois os donos do poder não percebem “uma Terra solidária”, nem um “futuro comum” à construção do “desenvolvimento sustentável”. A injustiça social e ambiental no Brasil é fruto de um olhar imediatista e individualista das classes dominantes que operam mecanismos de exclusão social (SATO, 1998).

Uma intervenção educacional crítica e emancipatória assume sua dimensão política. É uma EA comprometida com a transformação da realidade rumo a sustentabilidade socioambiental e percebe o ambiente educativo como movimento, mas um movimento aderido ao da realidade socioambiental, onde se contextualiza. Essa adesão é que possibilita à intervenção educacional para transformar a realidade socioambiental e isso se dá por uma práxis educativa (reflexão-ação) que potencializa a ação cidadã de sujeitos individuais e coletivos que resistem ao caminho único imposto pela racionalidade dominante. O que pode promover essa resistência é o movimento coletivo conjunto, entendido não somente como a soma de indivíduos formando um coletivo, mas entendendo também que um indivíduo interagindo com outro, constitui um conjunto em movimento. Essa força de resistência significativa é que pode mudar o curso da história pela práxis de sujeitos individuais e coletivos.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA A SENSIBILIZAÇÃO ENTRE OS PRODUTORES
ORGÂNICOS DA ZONA SUL DO RIO GRANDE DO SUL (RS)**

O diálogo como forma de intervenção educacional, pode construir um conhecimento ampliado e mais complexo da realidade, para que assim possa ocorrer a referida transformação.

4. O ensaio de uma proposta

Este projeto de intervenção educativa parece de fácil aplicação, mas na realidade exige um esforço muito grande entre as partes, principalmente porque deixa de existir num primeiro momento a figura do educador e educando, para termos sim um grupo de aprendizagem onde os agentes de transformação também transformam-se e assim o objetivo pode ser alcançado. Este projeto deve estar bem fundamentado tanto na teoria quanto na prática.

Este trabalho deve começar por reuniões com os grupos de agricultores orgânicos, e apresentação do projeto, e deixar claro que estes receberão orientações não só no campo dos saberes ambientais, mas que eles também contribuirão com suas experiências de vida. E que se possa mostrar que tudo será uma troca de experiências para a construção de uma comunidade mais sensível em relação ao ambiente em que está inserida. O resgate às lendas e “causos” da localidade, bem como narrativas de vida das pessoas podem evidenciar o reconhecimento de que todo saber é igual por direito.

O projeto objetiva construir alternativas de vida digna, primordialmente no âmbito local, pela ousadia da invenção pedagógica capaz de criar e recriar movimentos de esperança à tessitura da cidadania.

No marco da cidadania existencialista, que projeta a vida como meta, nunca apenas como meio, a linha de dignidade visa reduzir o espaço ambiental, estabelecendo um teto nas explorações da biorregião e um piso mínimo de vida digna. As esperanças devem fluir por dentro da Educação Ambiental e animá-la, revelando que é possível aferir dignidade através do projeto de cidadania.

A educação na perspectiva de uma pedagogia da alteridade cria espaços para que o modo humano de se relacionar com e no mundo seja responsável, isto é, espaços para a emergência do discurso crítico, do diálogo dos saberes e do encontro de alteridades. Espaços que carreguem o germe da comunidade, do fortalecimento de identidades locais como resistência a pasteurização do mercado permitindo a criação de laços de pertencimento e cuidado, laços ativos, cuja própria existência já é transformação.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA A SENSIBILIZAÇÃO ENTRE OS PRODUTORES
ORGÂNICOS DA ZONA SUL DO RIO GRANDE DO SUL (RS)**

Estas comunidades, na perspectiva da educação, e em especial da Educação Ambiental, são comunidades baseadas na noção do diálogo como abertura ao outro, comunidades que surgem a partir dos vínculos de confiança e responsabilidade que se estabelecem entre seus membros. Podem ser comunidades de aprendizagem, na medida em que o conhecimento emerge como oferta ao outro e do outro nas pontes de comunicação que se estabelecem entre as alteridades.

Esta nova dimensão social é fomentada, no caso da gestão sócio-ambiental, a partir de um processo educativo, constituindo-se como possibilidade de sustentabilidade social e cultural, uma vez que aponta para novas formas de organização social enquanto é paz na pluralidade e diversidade cultural. Este é o espírito da comunidade, que não sendo sustentada por consensos a priori, fora dela e passíveis de contaminação de um ideário moderno, tem por base a alteridade e o diálogo que surge no frente-a-frente. Esta comunidade é tecida por laços de confiança, onde os conflitos são entendidos como parte de seu processo de crescimento e maturidade. A comunidade possui uma arquitetura horizontal, onde o poder circula e o conhecimento é uma elaboração coletiva que se rebate de forma original em cada integrante do grupo a partir da confrontação dos vários “mundos” que estes sujeitos apresentam, num movimento de retroação e recorrência, entre o particular e o geral, entre o grupo e a pessoa.

Considerações finais

Os dados obtidos permitiram um diagnóstico preliminar da realidade da produção orgânica da região, sendo uma etapa inicial para a avaliação das potencialidades e limitações locais.

A intervenção educacional proposta tem por base a construção de um diálogo permanente de abertura ao outro, a troca de experiências, trabalhando a partir do espectro local, para trabalharmos posteriormente o espectro global. Nesse sentido o educador ao responder ao outro na sua responsabilidade, instituindo e mediando o diálogo de saberes, deve saber que fomenta além da emergência de um novo conhecimento, uma nova possibilidade de vinculação social entre os sujeitos do diálogo, do qual ele também faz parte, isto é, de uma nova práxis dirigida não apenas ao ambiente como exterioridade, centralizando nas relações entre a sociedade e natureza, mas à nossa vida social e as relações que mantemos uns com os outros.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA A SENSIBILIZAÇÃO ENTRE OS PRODUTORES
ORGÂNICOS DA ZONA SUL DO RIO GRANDE DO SUL (RS)

Referências

- ALMEIDA, D. L.; AZEVEDO, M. S. R. F.; CARDOSO, M. O. et al. **Agricultura Orgânica: instrumento para a sustentabilidade dos sistemas de produção e valoração de produtos agropecuários**. Seropédica: Embrapa-Agrobiologia, 2000.
- BRANDÃO, C. R.; OLIVEIRA, H. T. **A terceira margem do rio** – a experiência de traduzir textos científicos sobre biodiversidade como material de educação ambiental de vocação biodiversa. *Biota Neotropica*, v.2, n.2, 2002.
- BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. Lei nº 9.795 . Programa Nacional de Educação Ambiental (PNEA) DF, 1999.
- BRUM, J. A. **Modernização da Agricultura: trigo e soja**. Petrópolis: Vozes; Ijuí: FIDENE, 1988.
- DEAN, A. G. et al. *Epi Info, Version 6: A Word Processing, Database and Statistics Program for Epidemilology on Microcomputers*. Atlanta: Centers for Disease Control and Prevention, 1994.
- DULLEY, D. R. **Produtos agrícolas orgânicos: Brasil sobe para a quinta posição em extensão de área**. São Paulo: Instituto de Economia Agrícola de São Paulo, 2005.
- ESPÍNDOLA, J. A. A.; GUERRA, J.G.M.; ALMEIDA, D. L. de. **Adubação verde: estratégias para uma agricultura sustentável**. Seropédica: Embrapa-Agrobiologia, 1997.
- FERREIRA, L. C. **A questão ambiental: Sustentabilidade e Políticas Públicas no Brasil**. 2 ed. São Paulo. Editorial Boitempo, 2003.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 20 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- GADOTTI, M. **Pedagogia da Práxis**. São Paulo. Cortez, 1995.
- JACOBI, P. **Educação Ambiental, Cidadania e Sustentabilidade**. In: *Cadernos de Pesquisa* – vol. 118. Março 2003. Fundação Carlos Chagas.
- JARA, C. J. **As dimensões intangíveis do desenvolvimento sustentável**. Brasília: Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura – IICA, 2001.
- SATO, M.; PASSOS, L. A. **Biorregionalismo identidade histórica e caminhos para a cidadania**. In: LOUREIRO, C. F. B.
- STORCH, Gustavo; SILVA, Fernando F. da; BRIZOLA, Rubem M.de O. et al. **Caracterização de um grupo de produtores agroecológicos do sul do Rio Grande do Sul**. *Revista Brasileira de Agrociência*, Pelotas, v.10, n.3, p.357-362, jul/set.2004.